

NÃO HÁ SILÊNCIO

Sanzia Pinheiro
Sofia P. Bauchwitz
(organizadoras)

Não há Silêncio é um projeto do **Bólide1050**

Concepção e diagramação do catálogo de Sofia P. Bauchwitz; **Texto** de Sânzia Pinheiro e Sofia P. Bauchwitz; **Fotografias** dos artistas; **Agradecimento** à Margem Hub de Fotografia.

Todos os textos podem ser reproduzidos desde que citada a fonte.

A Exposição recebeu patrocínio da Fundação José Augusto por meio do Edital de Fomento à Cultura 2019 e ficou hospedada na Galeria Virtual da Margem Hub de Fotografia (www.margemfoto.com) de novembro de 2020 a abril de 2021.

NÃO HÁ SILÊNCIO

(19/11/2020 – 19/04/2021)

O silêncio não fala: ele significa. O silêncio não é o não-dito, não está em um lugar de negação, de ausência. O silêncio constitui a consistência do dito, ele tem significância própria. Marca as pausas pro outro, para a escuta do outro. É fundador do movimento de sentidos. Não é independente, auto-suficiente, preexistente. Sempre dizemos a partir do silêncio! No entanto, o silêncio não tem gramática nem sintaxe. Para Orlandi (2007) existe uma política do silêncio. “A política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007, p. 73). Assim os sujeitos lidam com a escolha de significados autorizados e não autorizados.

A exposição **Não há silêncio** fala de uma resistência poética em relação aos poderes autoritários que, mais do que nunca, tentam nos calar. Na contemporaneidade vemos essa relação entre imagem/palavra/narrativa aplicado de diferentes maneiras, com diferentes intencionalidades. Ann Hamilton lançou a pergunta: podem as palavras serem atos de criação? Os artistas Max Pereira, Jean Sartief, Sofia Bauchwitz e Aldenor Prateiro ensaiam formas de contar um ruído constante, mesmo que no âmbito da palavra, da semiótica, da poesia do ínfimo e do inútil.

Max Pereira apresenta a série que dá título à exposição: “Não há silêncio”. São textos associados a fotografias em branco e preto que tensionam a função da palavra como definição ou legenda para a imagem que se vê. Aparentemente desconectadas, na verdade os relatos apresentados por Max apontam para um discurso romântico

contemporâneo que dialoga estreitamente com imagens silenciosas de árvores, plantas, objetos abandonados, que tocam um ponto sublime que é muito próprio dos desejos amorosos e as dores associadas ao romântico em uma época marcada pela velocidade e liquidez. As imagens surgem às cegas, literalmente, feitas em um escuro total que ilustraria muito bem, seguindo o imaginário coletivo, um ainda possível silêncio.

Desses dos terrenos baldios, das casas do interior à luz da lamparina. No entanto, ao serem reveladas e tratadas, as imagens mostram o que se escondia por trás da aparente solitude.

Jean Sartief apresenta três objetos cerâmicos que se assemelham a um coração. Este coração repetitivo aparece não só como órgão humano, mas metaforicamente envolto em inúmeras simbologias populares que se veem deslocadas ou tensionadas de acordo com cada um dos suportes escolhidos. A obra "Espelho Meu" é uma referência direta às fábulas dos irmãos Grimm quando referem-se à vaidade; "Navio Naufragado" é também o título de uma poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen que o artista usou como inspiração para esta obra. A obra "Coração de Francesca", refere-se ao primeiro diálogo entre Dante e Francesca que contém todo o sofrimento dela na relação amorosa com seu amante e ao fato de ter sido assassinada pelo marido.

Esses simbolismos de um amor místico e inalcançável, produzidos por Jean Sartief, dialogam com os trabalhos de Sofia Bauchwitz, que apresenta uma amostra fotográfica e um texto de sua pesquisa em torno ao inefável e ao que não se mostra por completo, aquilo que, para a artista, permanece sempre em silêncio. O texto faz parte de uma série de livros inventados. O texto escolhido para a mostra conta, a modo literário, o achado de uma carcaça de baleia na praia. Tomando para si metáforas aquáticas e como principal personagem a baleia cachalote, que mora nos abismos

oceânicos, a artista fala do amor, das marcas que temos para interpretar o que não podemos ver ou justificar com a ciência, e também da arte como criadora de um pensamento aberto às incertezas.

Aldenor Prateiro apresenta objetos de latão e prata. Há um caracol, ao que parece, que brilha pequeno como uma jóia. a aparente contradição nos remete de imediato à poesia de Manoel de Barros e seu elogio ao rasteiro, ínfimo e banal. Com títulos tão poéticos como "Esplendor de Lesma", "Anúnciação" e "Glorioso Amanhecer", Aldenor tem uma obra minimalista, que evoca formas orgânicas, minerais, com um ar envelhecido pelo tempo. Singelas, essas formas diminutas ocupam um espaço minúsculo de forma incrivelmente potente, quase como *haikus*.

Na política do silêncio, certos sentidos não podem circular em determinados espaços.

Os artistas na exposição **Não há silêncio** ativam sentidos e espaços onde não se chega com a ruidosa linguagem. Max Pereira fotografando a escuridão; Aldenor Prateiro produzindo objetos-poesia, que dizem ter fotografado o silêncio pela rua carregando um bêbado; Jean Sartief criando formas para os diferentes ritmos\afetos do discurso amoroso e Sofia Bauchwitz nos levando ao encontro da baleia cachalote em oceanos abissais. O conjunto dos trabalhos exibidos afirmam os diferentes sentidos do silêncio, sua inexistência como ausência de som e ruído. E, ao mesmo tempo, afirmam sua potência de grito ensurdecidor

*Sânzia Pinheiro, curadora da exposição
(Coordenadora do Bólide1050)*

artistas participantes

aldenor prateiro

Esplendor de Lesma, 2019, objeto, 24 x 17 x 0,3 cm
Anúnciação, 2019, objeto, 24 x 18 x 0,45 cm
Glorioso Amanhecer, 2019, objeto, 24 x 17 x 0,4 cm

jean sartief

Espelho Meu, 2018, objeto cerâmico sobre suporte,
dimensões variáveis
Navio Naufragado, 2018, objeto cerâmico sobre suporte,
dimensões variáveis
Coração de Francesca, 2018, objeto cerâmico sobre
suporte, dimensões variáveis

max pereira

Série Não há silêncio, 2014, fotografia digital, dimensões
variáveis

sofia bauchwitz

eu queria ver e tentei, 2018, fotografia digital, escultura
mole de sal e textos, dimensões variáveis

MAX PEREIRA



11.

Bora pra Cotovelo fumar um, tomar banho de mar e depois a gente resolve, chega aí, já tô indo, tenho seda e um de entortar, massa, traga algo bom pra gente escutar, certo, fumamos na praia, céu tão azul, ninguém por lá, todo mundo protestando e eu olhando pra você no meio do mar pensando, porra, é tão bonito. O sol se põe sem a gente ver, seguimos pro sítio, tem ninguém lá não, nos trancamos, o povo nas ruas e a gente muito doido aqui com animais, aráceas, palmeiras, tilandsias, mangabeiras, os dois nus, o som do carro bem alto, nenhum sinal de rebelião no presídio em frente e quando passamos dos ritos iniciais à comunhão e você segura minha cabeça mexendo cada vez com mais força me chamando de filho da puta eu sinto que finalmente nossa história atingiu um certo patamar de romantismo.



12.

Feriado à força na cidade vazia, você apresentando o TCC com seu editorial – quando dois padrões se cruzam, frequentemente é criado um terceiro padrão novo, nota 10, meio no truque. Me liga todo fofo e frágil, ônibus em greve, sozinho no ponto, tô mal, venha me buscar. Fui, trouxe pra casa e comemoramos, uma das propriedades mais importantes dos padrões de Moiré é a sua capacidade de amplificação do movimento relativo das grades, I like turtles. Banho, depois meu quarto – O que vai ser dessa vez, Jack? – Ah, meu caro Lloyd, Semence de la vie para mim. Bebi até a última gota, – você disse parabéns, comeu a tapioca que eu fiz, me deu um beijo sem graça e foi embora pra Jardim do Seridó. Na fotografia analógica o efeito inexistente.





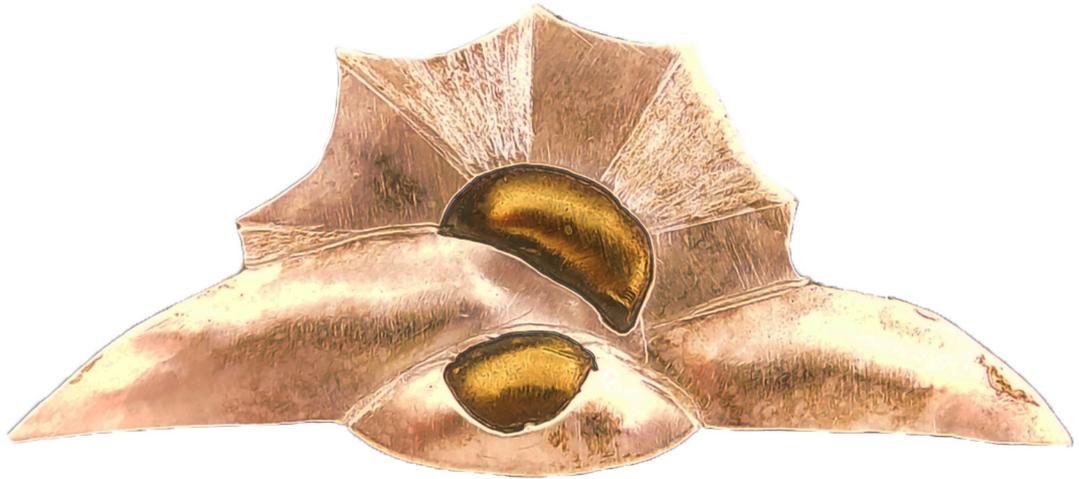




7.

Já estamos confortáveis e diretos, ótimo, cada dia de um jeito diferente, hoje eu tava colocando o macarrão na água fervente e entre o beijo e a primeira gozada da noite ele já estaria al dente – jogo rápido com final simultâneo, já passamos do período probatório – comida na mesa, mais unzinho, jantamos em silêncio, depois rebater a lombra no sofá, sobremesa, beijo, manga, caju, maracujá, sapoti, tiramos a roupa, fruta-do-conde, jenipapo, graviola, açaí, tua boca no meio das minhas pernas, jaca, pitanga, amora e abacaxi, venha pra cá, meta logo, não me deixe doido assim, não há terra generosa como as terras daqui, chegue, já está amaciado, por cima e por baixo, banana de tudo que é feitio e feição, olho no olho, silêncio, você se vendo entrando em mim, goiaba dentro é vermelha igual ao meu coração, tire tudo depois venha de novo, de vez, é doce é maduro é triste é meio arredio.

**ALDENOR
PRATEIRO**







JEAN SARTRE







DANTE



A L'AVINA
MEDIA

1911







**SOFIA P.
BAUCHWITZ**









Dr. Zuckerman propôs que contáramos os círculos na pele daquele animal. Segundo ele, uma marca não significava nada, duas tampouco. Somente em quantidade de braços poderíamos começar a entender o espécime diante de nós.

Esta pele em particular, disse ele, está tão coberta de marcas que quase não conseguimos apreciar sua rugosidade original. São estas marcas redondas, deixadas pela lula gigante em seu apertado abraço, que contam a história privada dos abismos.

Ele deu uma explicação biológica para aquilo. O fato parecia ter um significado sexual, certamente associado ao tênue estímulo de numerosas terminações nervosas da pele que estes abraços produziam. Por essa razão, e pela frequência dos achados nas praias, era legítimo considerar que o grupo social formado por baleias cachalotes e lulas gigantes estava conformado pelo desejo.

Tantas marcas nos indicam, prosseguiu Zuckerman, que o animal era especialmente amoroso. E foi isso exatamente o que escreveu em seu informe oficial: O que se encontrou ontem na praia, às 4 horas e 23 minutos, foi o corpo sem vida de um cachalote adulto completamente apaixonado. A conclusão, unânime, é de que morreu de amor.



MARGEM
HUB DE FOTOGRAFIA